

O Espelho

Numa pequena aldeia da velha Polônia, morava há muito tempo um judeu chamado Abraham. Não era uma pessoa rica, pois possuía apenas uma pequena loja de venda de roupas e não podia competir com os grandes comerciantes de confecção, que ofereciam uma melhor seleção de lã e algodão. Porém, quando se tratava de dar uma contribuição econômica ou oferecer hospitalidade para algum viajante judeu que passava pelo povoado, não havia quem pudesse competir com ele. Se alguém estivesse arrecadando recursos para algum grupo de estudo das leis judaicas, ou um mendigo batendo de porta em porta pedindo esmola, a esposa de Abraham sempre conseguia preparar um prato de comida decente para o faminto, enquanto Abraham sempre estava disposto a ceder-lhe a sua última moeda. O que entregavam aos necessitados não eram as sobras, nem de refeições ou de dinheiro, mas unicamente o que dispunham para eles próprios, chegando a passar privações para poder auxiliar aos outros. No entanto, ninguém sabia que Abraham e sua esposa faziam tamanho sacrifício.

Certo dia eles receberam um hóspede inesperado e distinto: tratava-se do Rabino da comunidade, Ishaia, que havia chegado ao vilarejo. Para surpresa de todos, escolheu honrar a Abraham com a sua visita, embora houvesse na cidade pessoas ricas que teriam com gosto se oferecido para ser suas anfitriãs. Ishaia, que morava num povoado distante, era famoso pela sua devoção religiosa e sua santidade, e muitos judeus costumavam viajar longas distâncias para visitá-lo com o objetivo de escutar as suas palavras de sabedoria, pedir a sua bênção ou suas preces em seus momentos de necessidade.

O Rabino estava impressionado com a cálida hospitalidade e atenção que Abraham lhe oferecia. Mas seus destros olhos perceberam que o casal ia muito além do dever quando se tratava da boa ação referente à hospitalidade e à justa contribuição ao próximo. De maneira que, antes de partir, ele bendisse a Abraham, almejando que ele tivesse a possibilidade de praticar estas boas ações com amplo sustento, na prosperidade e na riqueza.

Pouco depois que o hóspede partiu, Abraham notou uma mudança repentina nas suas questões comerciais: uma mudança para melhor. Será que a visita do Rabino e a sua estada na sua casa haviam contribuído para que a comunidade local o encarasse com maior respeito? Ou será que de repente descobriram que em sua loja poderiam obter melhores preços? Seja como for, os clientes começaram a freqüentar o seu estabelecimento em grande número, e quase ninguém de lá saía sem ter feito alguma compra. A cada dia ele se deparava com melhores negócios, e agora podia incrementar o estoque e oferecer as melhores mercadorias a preços mais razoáveis. Em pouco tempo Abraham se converteu também num atacadista e num dos maiores vendedores de roupa da região.

A riqueza pode ser uma prova tão grande como a pobreza, mas Abraham não se deu conta disso. De alguma maneira – e ele nem notou – começou a encontrar cada vez menos tempo livre para rezar e estudar como antes. Estava muito atarefado, tentando expandir a sua loja e já não dava atenção pessoal aos forasteiros e mendigos, e tampouco aos grupos de estudos das leis judaicas que arrecadavam fundos. Tinha administradores e empregados a cargo das suas doações, enquanto que ele próprio estava ocupado no seu escritório e não era possível vê-lo a não ser com entrevista marcada previamente, e reservada para os mercadores e intermediários.

Agora Abraham morava numa esplêndida casa nova e mobiliada, com vários serviçais. Porém, os mendigos já não eram admitidos no interior da mesma para que não sujassem os caríssimos tapetes. Embora continuassem recebendo uma suculenta doação, não eram contemplados com a antiga simpatia e hospitalidade de sua casa de outrora. As pessoas meneavam a cabeça, decepcionadas, falando uns aos outros: “Abraham mudou; a riqueza revolveu a cabeça dele e endureceu seu coração... Que pena! Ele era uma pessoa tão boa e amistosa, e agora, vejam o que a riqueza fez com ele...”

Certo dia o seu secretário informou-lhe que o auxiliar de um Rabino queria vê-lo, e acrescentou que ele havia tentado despachá-lo com uma considerável doação, mas que não havia adiantado. Abraham disse-lhe então que o deixasse entrar.

Recebeu seu visitante com gentileza, e quando este lhe disse que era auxiliar do Rabino Ishaia, da comunidade, e que havia sido enviado por ele, o rosto de Abraham iluminou-se.

“Não tenho esquecido a visita do Rabino na minha casa”, disse Abraham. “Desde aquele momento, a minha situação financeira deu uma guinada, e, graças a Deus, tem sido bastante boa, como o senhor pode ver”.

“Nesse caso, agora você tem a oportunidade de fazer algo que agrade ao Rabino”, respondeu o visitante. Imediatamente contou-lhe que tinha se apresentado perante o representante da comunidade um caso de um judeu que havia sido sequestrado e que para libertá-lo eles deveriam pagar um resgate.

Abraham pegou rapidamente uma substancial soma de dinheiro e a entregou ao visitante para que a desse ao Rabino. Em épocas anteriores ele o teria convidado para hospedar-se em sua casa e teria compartilhado com ele uma refeição; também o teria acompanhado em visita a outros membros da comunidade para arrecadar mais fundos. Mas agora estava demasiado ocupado. Desculpou-se perante o seu visitante enquanto o acompanhava até a porta. “Envie recomendações ao Rabino, por favor”, disse, apertando-lhe a mão.

Cumprida a sua missão, o emissário retornou ao Rabino. Este indagou-o em detalhes a respeito de Abraham e sua forma de vida, e se entristeceu perante a idéia de que o comerciante houvesse mudado tanto. “É possível que minha bênção tenha sido a causa indireta dessa mudança?”, perguntava-se a si mesmo. “Devo colocar as coisas novamente em seus devidos lugares”, pensou, e decidiu fazer uma visita a Abraham.

Hospedou-se então na pousada local e enviou o seu auxiliar à casa do comerciante para averiguar quando poderia visitá-lo. Era ainda muito cedo, e um serviçal respondeu que o patrão estava se levantando naquele momento. O auxiliar foi caminhar e regressou um pouco mais tarde, apenas para ouvir que o patrão estava tomando café. Quando voltou pela terceira vez, disseram-lhe que o patrão estava muito ocupado, e que tentasse novamente durante a tarde.

Quando o emissário levou essa mensagem ao Rabino, este replicou: “Venha, vamos visitar a Abraham agora mesmo”.

Diante da imensa mansão de Abraham, o auxiliar fez saber ao serviçal a identidade de quem queria ver seu patrão, e minutos após, Abraham estava correndo rumo à porta, recebendo o Rabino com alegria e respeito. “Que honra! Que satisfação!”, exclamou Abraham, enquanto convidava o visitante a entrar em sua casa.

O Rabino, andando pela espaçosa sala de estar, observava com interesse o ambiente, com os olhos deslizando de um móvel a outro. Abraham estava satisfeito, e mencionou a anterior visita do Rabino no seu humilde lar. “Uma mudança bastante grande comparada ao que tinha antes”, comentou ele. “Sim, uma mudança bastante grande”, concordou o Rabino, significativamente. Estava muito sério. Caminhou até a janela e olhou ao exterior.

“Abraham, venha aqui um minuto”, chamou o Rabino, e Abraham aproximou-se rapidamente da janela.

“Quem é aquele homem que caminha por lá?”, perguntou o Rabino.

“Esse é Iankl, o alfaiate”, respondeu o comerciante, acrescentando, “um judeu piedoso que jamais deixa de ir à Sinagoga pelas manhãs. Infelizmente é muito pobre...”.

“E quem é aquela senhora que leva uma cesta vazia?”

“É uma pobre viúva que vai ao mercado, esperançosa de ganhar alguma coisa, mas com frequência regressa com a cesta vazia... Pobre mulher, aliás, com uma casa cheia de órfãos... É tão triste...”.

“E quem é esse homem lá?”, continuou perguntando o Rabino.

“Esse é Bentzi, o aguaceiro; está envelhecendo, pobre homem. Sinto que não poderá continuar levando água por muito tempo...”.

Abraham começava a estranhar o interesse que o Rabino tinha nos transeuntes; afinal, ele não era um homem de frívola curiosidade...

O Rabino afastou-se da janela e começou se passear novamente pela sala de estar. Deteve-se junto ao enorme cristal espelhado que cobria uma parede ao lado da lareira. Afastou-se e com um sinal pediu a Abraham que se aproximasse do espelho. “Olha no espelho, Abraham; a quem vêes ali?”

“Pois claro, a mim mesmo, por suposto”, replicou Abraham desconcertado.

“Diga para mim: do quê é feito o espelho?”

“De vidro, naturalmente”.

“E a janela?”

“Também de vidro, por suposto”.



“Não é interessante, Abraham? O espelho é de vidro e a janela é de vidro. Por que, então, quando olhas através da janela vês as outras pessoas, enquanto que se olhas no espelho te vês apenas a ti mesmo?”

“É muito simples”, explicou Abraham. “O vidro da janela é cristalino de ambos os lados, fato pelo qual o faz transparente; o espelho, diferentemente do outro vidro, tem uma das suas faces coberta com prata, coisa que obscurece esse lado e não permite a passagem da luz. A isso se deve o fato de que eu possa apenas ver a mim mesmo nele, e nada que haja por detrás do vidro”.

– Sim, sim... – disse o Rabino. – Quer dizer que a mesma peça de vidro, se não está coberta de prata, é transparente de ambos os lados; mas se está coberta de prata, se obscurece numa de suas faces e apenas te vês a ti... Não é extraordinário? Porém, suponho que se poderia remover a prata raspando; então poderias voltar a ver através dele. Não é assim, amigo?”

– Sim, claro, mas...

Abraham não terminou a frase. De repente compreendeu o que o sábio e santo Rabino lhe estava insinuando. A pessoa é como uma peça de vidro feita de areia... Agora entendia tudo. Antes de estar “coberto com prata” podia ver a todos, mas agora que era rico, apenas podia ver a si mesmo!... Viu-se então atingido por um profundo sentimento de vergonha e remorso. Os seus olhos encheram-se profusamente de lágrimas, quando então se voltou para o Rabino e disse:

– Fui néscio e malvado... Falhei na prova... Existe alguma esperança para mim, Rabino? Me auxilie, por favor!”

– Por isso vim, Abraham. Não quis acreditar que tinhas mudado tanto, até que o vi com os meus próprios olhos. O ouro e a prata são uma grande tentação e, se não se tomam as devidas precauções, eles podem transformar em pedra o coração da pessoa. Espero que não seja necessário ‘raspar a fortuna para mudares substância tua velha conduta de contribui- de hospitalidade, mas com maior mente, por suposto, à tua capa-

– Oh, farei isso! Farei isso!”, mente.

Essa mesma noite teve uma para a qual todos foram convidados. O comerciante se pôs em pé e pediu que os havia tratado desde que ena sua casa e o seu coração perma- que necessitassem de auxílio.

Muito tarde essa noite, depois Abraham tomou uma faca e se Numa de suas pontas raspou a dar de não se ver apenas a si

E quando as pessoas pergun- prata raspada na ponta do precio- com simplicidade e sinceridade a li- haviam lhe proporcionado.



prometeu Abraham solene-

grande festa em sua casa, dos, especialmente os pobres. a todos perdão pela forma em riqueza. A partir de agora neceriam abertos a todos os

que todos se retiraram,▲ direcionou ao espelho. prata, para sempre se recor- mesmo...

tavam-lhe “Por que está a so espelho?”, ele lhes relatava ção que o Rabino e o espelho

Conto extraído do livro *El Narrador*, compilado por Nissan Mindel. Tradução do espanhol por Melania Adji Keter.

Ilustração de Yosef Dershowitz.